

TIPOLOGIA E MAPEAMENTO DA VEGETAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL COM ASPECTOS DE MODIFICAÇÕES AMBIENTAIS*

Miguel Guimarães de Bulhões (Coordenador)**

Elizabeth Pereira Quintella**

Norma Sueli Marques da Rocha**

Mara de Andrade Marinho**

Selma Barbosa de Abreu**

Moisés Jordão Filho**

Tania Maria Ferreira da Silva**

Virginia Quilelli**

INTRODUÇÃO

O estudo da vegetação do Distrito Federal foi iniciado prevendo-se apenas o seu mapeamento e a utilização de uma tipologia tradicional, em virtude de sua finalidade inicial, que seria a de fornecer subsídios para uma análise de paisagem, que, em conjunto com o estudo do uso do solo urbano e rural, produziria metodologia para análises posteriores.

Com o desenrolar dos trabalhos, verificou-se que a riqueza de nuances, às vezes bem complexas, esgotava em muito as possibilidades de enquadramento da vegetação nas poucas legendas existentes para a escala 1:40.000 (escala das fotografias aéreas disponíveis), razão pela qual os objetivos do estudo em questão tomaram corpo em importância e se dirigiram definitivamente para a elaboração de uma tipologia que atingisse as necessidades da área e da

escala empregadas e, numa tentativa de ampliar a utilidade da mesma, resolveu-se por incluir aspectos de modificações ambientais, tão importantes que foram, em virtude da construção de Brasília, das cidades-satélites e de todas as conseqüências que estes fatos produziram no ambiente local.

Embora a legenda proposta seja para a escala original das fotografias aéreas utilizadas, ou seja, 1:40.000, reduções feitas fotograficamente de trechos do mapeamento produzido indicam que ela poderá ser usada com segurança para escalas de até 1:100.000 e com algumas adaptações poderá ser útil também em escalas de até 1:250.000.

METODOLOGIA

Foram seguidos os procedimentos clássicos e já exaustivamente divulgados na interpretação de fotografias aéreas e seu pro-

* Recebido para publicação em 05 de outubro de 1987.

** Miguel Guimarães de Bulhões e Elizabeth Pereira Quintella — Analistas Especializados em Geografia do IBGE; Mara de Andrade Marinho — Analista Especializada em Agronomia do IBGE; Moisés Jordão Filho — Professor de Geografia; Norma Sueli Marques da Rocha — Bióloga; Selma Barbosa de Abreu e Virginia Quilelli — Analistas Especializadas em Biologia do IBGE; e Tania Maria Ferreira da Silva — Geógrafa. A equipe agradece à Professora Delnida Martinez Cataldo, ao Dr. Péricles de Sá Freire e aos pesquisadores da Reserva Ecológica do Roncador pelo decisivo apoio e pelas inúmeras sugestões durante os trabalhos de campo no Distrito Federal.

cessamento até a produção de mapas na escala 1:40.000 em poliéster dupla face.

A inexistência de bases cartográficas na escala disponível, a inconveniência de custos e de demora para a produção das mesmas, a existência de uma cobertura apenas parcial para a área em estudo, na escala 1:50.000, a derivação natural de algumas faixas de voo, causando várias distorções, e a finalidade primordial do estudo, ou seja, a tipologia vegetal, foram, fatores decisivos para considerar como base, ainda que reconhecendo como de qualidade precária, os resultados das próprias interpretações fotográficas, optando-se pela utilização da rede rodoviária existente, bem menos complexa que a rede hidrográfica, porém bastante desenvolvida para as finalidades de orientação. Desse modo, devemos considerar os resultados gráficos como "mapeamento esquemático" (Figuras 1 a 9), atingidos, porém, os objetivos propostos — tipologia de vegetação para escalas grandes e médias — através da organização e estruturação das coberturas vegetais, suas nuances e variações, obtidas com o decorrer das interpretações das fotografias aéreas.

Certas variações da cobertura vegetal, dotadas de pequena área, porém mapeáveis em escalas de até 1:40.000, não deverão ser consideradas devido à sua diminuta superfície em trabalhos com escalas acima de 1:100.000.

As fotografias aéreas utilizadas foram produzidas pela empresa TERRAFOTO e são do tipo preto e branco, ano de 1978, escala 1:40.000.

ESTRUTURA DA LEGENDA

Como um dos objetivos deste trabalho foi a inclusão dos "aspectos de modificações ambientais," tornou-se necessária uma legenda que abrangesse toda a cobertura vegetal existente, em seus diferentes níveis, tanto os naturais como os alterados. Assim, a legenda foi basicamente estruturada em quatro grandes divisões principais: a) COBERTURA DE CERRADO; b) COBERTURA FLORESTAL; c) COBERTURA AGRÍCOLA; e d) COBERTURAS ALTERADAS NÃO AGRÍCOLAS.

Partindo do princípio que se torna praticamente impossível reconhecer áreas com vegetação natural primitiva, em virtude da longa ocupação humana, antes da construção de Brasília e das demais cidades-satélites, optou-se por considerar "natural" aquelas áreas em que a vegetação tinha o aspecto mais homogêneo possível, sem apresentar grandes inversões de flora alienígena. Um dos locais considerados como modelo, devido à sua preservação para mais de dezessete (17) anos, é a Reserva Biológica do Rincador, de propriedade da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, onde estão representadas, em níveis bem satisfatórios de conservação, cerca de 95% das divisões e subdivisões não alteradas da legenda proposta.

Muitas vezes, tanto nas fotografias aéreas como nos trabalhos de campo, não se consegue definir corretamente a formação que se está observando, embora seja notada uma predominância de determinado tipo, em meio a interligação entre vários outros. Nestes casos, deu-se, em primeiro lugar, o nome da formação que predomina e, em seguida, as suas combinações. Ex.: campo limpo + campo sujo; campo sujo + cerrado esparso; floresta-galeria + campo inundável + murundus; etc.

Cobertura de Cerrado

Nesta divisão estão incluídos todos os tipos de cerrado, assim considerados: a) campo limpo de cerrado; b) campo sujo de cerrado; c) campo inundável; d) cerrado esparso; e) cerrado denso; e f) cerradão.

Campo Limpo de Cerrado — CL1

Sua estrutura compõe-se praticamente por um único nível de vegetação — o herbáceo, observando-se raramente um ou outro arbusto, subarbusto ou arvoreta.

Certas áreas de cerrados esparsos ou densos, mas que já foram intensamente utilizados e possuem atualmente a fisionomia de campos limpos, estão incluídas nesta última formação, quando não se consegue, ao menos, um indício de qualidade que possa indicar sua verdadeira e antiga formação ou enquadrá-la, convenientemente, em

quaisquer das subdivisões das áreas alteradas.

As poucas espécies não-herbáceas que freqüentam o campo limpo de cerrado, sejam elas testemunhas de antigas formações já devastadas ou espécies mais tolerantes quanto às necessidades de sobrevivência, possuem a principal característica dos cerrados, ou seja, os troncos tortuosos e cobertos por substâncias protetoras quanto às características do clima local.

São as seguintes, as variações do campo limpo de cerrado:

a) CL2 — CAMPO LIMPO + FLORESTA-GALERIA; b) CL3 — CAMPO LIMPO + CAMPO INUNDÁVEL; c) CL4 — CAMPO LIMPO + CAMPO SUJO; d) CL5 — CAMPO LIMPO + CAMPO INUNDÁVEL + MURUNDUS; e e) CL6 — CAMPO LIMPO + CERRADO ESPARSO.

Campo Sujo de Cerrado — CS1

Sua estrutura pode ser dividida em nível herbáceo, subarbustivo e arbustivo. Algumas arvoretas ou árvores não devem ser consideradas como nível estrutural em virtude de suas baixas freqüências.

A vegetação herbácea predomina em cerca de 90% destas áreas, ficando os restantes 10% distribuídos entre os subarbustos (entre 1 e 2 m de altura), os arbustos (entre 2 e 4 m de altura), e as arvoretas, acima de 4 m.

Na verdade, vários campos sujos refletem uma degradação da vegetação original, porém torna-se quase impossível a verificação de sua origem.

Como, visualmente, muitas destas áreas refletem a estrutura de campo sujo, elas estão enquadradas nesta categoria quando não apresentam flora estranha, de fácil verificação, que as relacionem com o tipo de legendas propostas para as áreas alteradas.

Embora não se possa generalizar, em certos momentos nota-se uma ligeira organização na disposição espacial das espécies, onde se verifica um espaçamento entre os subarbustos e os arbustos, de cerca de 5 metros.

Freqüentemente estes subarbustos, arbustos e arvoretas são indivíduos atrofiados

por condições pedológicas e que têm seu pleno desenvolvimento nas áreas de cerrado denso.

São as seguintes, as variações do campo sujo de cerrado:

a) CS2 — CAMPO SUJO + FLORESTA-GALERIA; b) CS3 — CAMPO SUJO ATÍPICO COM PRESENÇA DE ELEMENTOS ARBÓREOS E ARBUSTIVOS EM FORMA DE MOSAICO; c) CS4 — CAMPO SUJO + CERRADO ESPARSO; d) CS5 — CAMPO SUJO + CAMPO INUNDÁVEL; e e) CS6 — CAMPO SUJO + CAMPO LIMPO.

Campo Inundável — Ci1

Sob esta legenda estão incluídos todos os campos que são inundáveis durante a época chuvosa e que, por esse motivo, têm flora e aspecto característicos. Estes alagamentos podem ser causados por transbordamento fluvial, lacustre ou por acúmulo de águas pluviais em áreas baixas, em cabeceiras de drenagem, em várzeas ao longo de certos rios ou em altitudes mais elevadas, inclusive nos rebordos das chamadas, onde hajam condições para o acúmulo de umidade e de saturação do lençol subterrâneo. Sua estrutura compõe-se basicamente por um nível herbáceo não tão desenvolvido como no campo limpo de cerrado, mas que, em certos casos, podem apresentar áreas compactas, compostas por espécies que chegam a atingir a 1,50 m de altura. Na maioria das vezes, ostentam microrrelevos resistentes à erosão, os murundus, onde se desenvolvem espécies arbustivas e subarbustivas, típicas dos cerrados, uma vez que aí não sofrem inundações, mas beneficiam-se da umidade. Os maiores murundus podem medir 2 m de altura e 6 m de diâmetro.

Foram identificadas as seguintes variedades de campos inundáveis:

a) CI2 — CAMPO INUNDÁVEL + MURUNDUS; b) CI3 — CAMPO INUNDÁVEL + VEREDAS + MURUNDUS; c) CI4 — CAMPO INUNDÁVEL + FLORESTA-GALERIA + MURUNDUS; d) CI5 — CAMPO INUNDÁVEL + CAMPO LIMPO; e e) CI6 — CAMPO INUNDÁVEL + ELEMENTOS ARBUSTIVOS + NÚCLEOS DE ELEMENTOS ARBÓREOS.

Cerrado Esparso — CE1

Nesta formação, também conhecida como cerrado ralo ou cerrado, observam-se diferenças percentuais nos diversos níveis estruturais; a estes, pode ser acrescido o nível arbóreo, ainda que representando a menor porcentagem da área ocupada.

Assim, a estrutura do cerrado esparso é composta por, aproximadamente, 45% de vegetação herbácea, 35% de vegetação subarbusciva e arbustiva e cerca de 20% de vegetação arbórea.

Em que pese o menor espaçamento (cerca de 2 m em média) entre os troncos tortuosos e suberificados dos arbustos e arvoretas, são observados vários trechos de terreno não recobertos totalmente pela vegetação.

Visualmente, o cerrado esparso nos dá a impressão de uma formação essencialmente arbustiva onde, porém, o entrelaçamento entre suas espécies, sejam arbóreas, arbustivas ou herbáceas, não está tão desenvolvido a ponto de dificultar o trânsito de pessoas no seu interior.

Foram reconhecidas as variedades CE2 — CERRADO ESPARSO + FLORESTA-GALERIA e CE3 — CERRADO ESPARSO + CAMPO SUJO.

Cerrado Denso — CD1

Sua principal característica visual é o natural entrelaçamento entre suas espécies, causado pela proximidade entre os troncos dos subarbustos, arbustos, arvoretas e árvores, estas duas últimas com alturas superiores a 4 m, atingindo em média 5 a 8 m e podendo ultrapassar estas medidas, embora mais raramente.

Considerado como cerrado típico, apresenta uma significativa predominância da vegetação lenhosa, ou seja, cerca de 30% de vegetação arbórea, 40% de vegetação arbustiva, restando apenas 30% para a vegetação herbácea que, bem desenvolvida e apresentando elementos com até 2 m de altura, envolve os subarbustos, arbustos e arvoretas, criando uma estrutura complexa de onde se destacam as árvores mais altas.

Todo este conjunto em seu pleno desenvolvimento pode dificultar bastante o trânsito pelo interior da formação, embora este

entrelaçamento entre as espécies apresente descontinuidades, quando, algumas vezes, aumenta a distância entre os arbustos ou árvores.

Foram reconhecidas as seguintes variedades de cerrado denso: CD2 — CERRADO DENSO + FLORESTA-GALERIA e CD3 — CERRADO DENSO + CERRADO ESPARSO.

Cerradão — CR1

A existência de espécies de porte médio com características morfológicas dos cerrados, embora muitas vezes atenuadas, permite que o cerradão, com seus 70% de cobertura arbórea, em média, seja incluído na cobertura de cerrado, embora para muitos autores o termo floresta xeromorfa esteja consagrado. Na verdade, o nível arbóreo, formado por elementos com 10 a 12 m de altura, em média, mas que podem chegar a 20 m, envolve um grupo considerável de espécies comuns a esta formação, mas que se situam no limite do arbusto com a arvoretas e que não são tão notadas, à primeira vista, em virtude das copas altas e largas das espécies arbóreas e de troncos retos ou quase retos, as quais se tornam fisionomicamente mais importantes. Além disso, várias espécies arbóreas ocorrem nos cerrados densos, contribuindo para que o cerradão seja considerado por muitos como o estágio mais desenvolvido dos cerrados, ocorrendo em locais de melhor qualidade de solo, principalmente em áreas favoráveis ao acúmulo de umidade, de sedimentos ou de matéria orgânica proveniente do tapete de folhas mortas.

Em certos trechos do cerradão, em que o dossel se torna descontínuo, a cobertura arbustiva pode se desenvolver consideravelmente, o mesmo acontecendo com a vegetação herbácea, que depende da luz solar para a sua manutenção.

Muitas vezes interligado com a floresta-galeria, causando dificuldades na interpretação fotográfica, obrigou-nos a considerar uma variedade o CR2 — CERRADÃO + FLORESTA-GALERIA.

Cobertura Florestal

Nesta divisão, estão incluídas as formações tipicamente arbóreas, onde a presença

de espécies do cerrado, porventura existentes, não significa grande importância, quer do ponto de vista florístico, quer do fisionômico: a) FLORESTA-GALERIA; e b) FLORESTA SUBÚMIDA.

Floresta-Galeria — FG1

A floresta-galeria ocorre ao longo dos rios da região dos cerrados, beneficiada pela umidade sempre existente, inclusive nos períodos secos. Mesmo em simples linhas de drenagem torrenciais, este tipo florestal pode se instalar, ainda que menos viçoso, bastando que haja umidade e qualidade de solo suficientes. Neste último caso, ocorrem algumas espécies típicas de cerrado, as quais também freqüentam as áreas florestais em torno das cabeceiras dos rios.

Dominam o nível arbóreo cerca de 90%, em média, do total da vegetação, o qual pode atingir 30 m de altura. Seu interior é úmido, com presença de epífitas e sapopemas.

Sua largura varia de acordo com a capacidade de irrigação natural destes rios, aliada a condições topográficas que ajudam a manter o ambiente mais úmido que o normal da área. Seu contacto com as formações de cerrado é geralmente brusco, porém pode ser gradativo nas suas relações com os cerradões e com a floresta subúmida, embora suas composições florísticas sejam satisfatoriamente distintas, uma vez que o principal fator vital da floresta-galeria é a umidade fluvial, que pode elevar-se a níveis de alagamento nas épocas chuvosas em trechos de topografia muito suave.

Foram identificados os seguintes tipos de florestas-galeria, além do principal: FG2 — FLORESTA-GALERIA + CAMPOS INUNDÁVEIS + MURUNDUS; FG3 — FLORESTA-GALERIA + CAMPOS INUNDÁVEIS. Nas fotografias aéreas, o tom preto-cinza muito escuro é vital para diferenciá-la dos cerradões.

Floresta Subúmida — FS1

No Distrito Federal, assim como nas demais áreas típicas de cerrado, onde a estação seca dura 4 a 5 meses, se fazem necessárias condições de umidade especiais para a existência de formações florestais como a floresta-galeria. Quando, porém, es-

tas condições especiais dizem respeito à melhoria de solo, surge a floresta subúmida, nome adotado para relacioná-la ao tipo climático do cerrado, de acordo com as classificações produzidas na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, que, embora sob este regime médio de seca (ou subúmido), tem, nos tipos de solos em que vive (latossolos vermelho-escuros ou roxos, além de solos de origem calcária), a razão de seu desenvolvimento não tão intenso como nas galerias, uma vez que seus elementos normalmente atingem no máximo 20 m de altura. O caráter de deciduidade ou semideciduidade varia de acordo com o substrato, apresentando-se com folhas perenes quando este é composto por terra roxa.

Sua presença na fotografia aérea é bem característica, principalmente se for confrontada com os padrões da floresta-galeria e do cerradão, tanto nas épocas chuvosas como nas épocas secas.

Cobertura Agrícola

Embora a cobertura agrícola seja também uma cobertura alterada em relação às originais, ela tem um caráter de organização (plantio, manutenção, etc.) que as demais coberturas alteradas não possuem, além de ocupar grandes trechos do Distrito Federal. Estes fatores foram bastante importantes para que a atividade agrícola merecesse uma posição de destaque na legenda. Devido à natureza das atividades e dos resultados dos plantios (os reflorestamentos produzem resultados a longo prazo e têm características fisionômicas e finalidades bem peculiares), a cobertura agrícola foi subdividida em: a) AGRICULTURA EM GERAL; e b) REFLORESTAMENTO.

Agricultura em Geral — AG

Foram identificados dois tipos básicos de agricultura, relacionados com os efeitos impostos à flora original:

Agricultura substituindo a Flora Original — AG1

São áreas agrícolas, associadas ou não aos núcleos rurais do Distrito Federal, muitas vezes em grandes glebas, onde não há

remanescentes da antiga flora existente no local.

Agricultura com remanescentes da Flora Original – AG2

São áreas agrícolas, intimamente ligadas aos vales fluviais, na forma de pequenas glebas, mescladas a áreas remanescentes de floresta-galeria e/ou campos inundáveis, podendo apresentar pastagens e terras em descanso.

Reflorestamento – RF1

Foram considerados não só os reflorestamentos em franco desenvolvimento como também aqueles que, embora abandonados, ainda não apresentavam sinais muito visíveis de invasão por vegetação nativa ou ruderal que pudessem incluí-los nas coberturas alteradas.

Coberturas alteradas não agrícolas

Foram consideradas coberturas alteradas aquelas áreas em que a invasão de vegetação alienígena, bem como o seu uso intenso ou desorganizado, tornou impossível enquadrá-las em quaisquer dos tipos ou formações mencionadas até então.

Áreas Alteradas não Urbanas – AA

Foram consideradas em separado devido aos efeitos visivelmente diferentes daqueles ocorridos nas áreas urbanizadas.

Áreas Alteradas por Processos Agrícolas – AA1

Áreas alteradas pelo uso agrícola, sem padrão definido de uso atual, em processo de recobrimento por vegetação secundária, podendo apresentar trechos remanescentes de vegetação original ou de antigos plantios, pastagens dificilmente identificáveis na fotografia aérea, bem como passíveis de serem confundidas com outros grupos, ou ainda formações artificiais como os “campos sujos de florestas” que nada mais seriam que pastagens sombreadas com árvores da flora original, estão incluídas nesta divisão.

Áreas Alteradas por Processos de Urbanização – AA2

São áreas da periferia urbana (não confundir com áreas urbanas), alteradas pelos processos de urbanização, sem padrão definido de uso atual, em processo de recobrimento por vegetação secundária, associadas a trechos de vegetação original e mescladas à vegetação ruderal.

Áreas Alteradas sem Identificação dos Processos – AA3

Áreas alteradas, sem identificação do uso anterior e do atual, em processo de recobrimento por vegetação secundária, associadas a áreas remanescentes de vegetação original.

Áreas Urbanas – AU1

Nesta divisão, foram consideradas as áreas já urbanizadas (plano piloto e cidades-satélites), cuja flora básica se constitui em arborização urbana, com elementos locais, aclimatados ou exóticos, ajardinamentos públicos organizados e ajardinamentos particulares, organizados ou não, associados ou não com plantas do cerrado, e finalmente pequenos ou extensos terrenos baldios, onde se desenvolve plenamente a vegetação ruderal, que pode invadir os ajardinamentos quando estes não têm manutenção adequada.

Utilizando-se fotografias aéreas com escala maior que a do presente trabalho, pode-se chegar a uma subdivisão da vegetação das áreas urbanas, que não é tão simples como parece, haja vista que o tratamento dado à arborização e ao ajardinamento pode variar bastante de local para local, bem como à percentagem de composição da flora local com as plantas típicas de jardim que pode ser de nula a intensa.

Áreas Especiais – AE1

Nesta divisão, foram enquadradas áreas industriais, comerciais, clubes de campo ou instituições governamentais, fora das áreas urbanas, apresentando vegetação implantada por processos de jardinagem complexos

ou empíricos, com utilização ou não de espécies naturais ou ainda trechos com coberturas não enquadradas nas divisões anteriores.

Legenda

Cobertura de Cerrado

CL – CAMPO LIMPO
 CL1 – CAMPO LIMPO
 CL2 – CAMPO LIMPO + FLORESTA-GALERIA
 CL3 – CAMPO LIMPO + CAMPO INUNDÁVEL
 CL4 – CAMPO LIMPO + CAMPO SUJO
 CL5 – CAMPO LIMPO + CAMPO INUNDÁVEL + MURUNDUS
 CL6 – CAMPO LIMPO + CERRADO ESPARSO

CS – CAMPO SUJO
 CS1 – CAMPO SUJO
 CS2 – CAMPO SUJO + FLORESTA-GALERIA
 CS3 – CAMPO SUJO ATÍPICO COM PRESENÇA DE ELEMENTOS ARBÓREOS E ARBUSTIVOS EM FORMA DE MOSAICO
 CS4 – CAMPO SUJO + CERRADO ESPARSO
 CS5 – CAMPO SUJO + CAMPO INUNDÁVEL
 CS6 – CAMPO SUJO + CAMPO LIMPO

CI – CAMPO INUNDÁVEL
 CI1 – CAMPO INUNDÁVEL
 CI2 – CAMPO INUNDÁVEL + MURUNDUS
 CI3 – CAMPO INUNDÁVEL + VEREDAS + MURUNDUS
 CI4 – CAMPO INUNDÁVEL + FLORESTA-GALERIA + MURUNDUS
 CI5 – CAMPO INUNDÁVEL + CAMPO LIMPO
 CI6 – CAMPO INUNDÁVEL + ELEMENTOS ARBUSTIVOS + NÚCLEOS DE ELEMENTOS ARBÓREOS

CE – CERRADO ESPARSO
 CE1 – CERRADO ESPARSO
 CE2 – CERRADO ESPARSO + FLORESTA-GALERIA

CE3 – CERRADO ESPARSO + CAMPO SUJO

CD – CERRADO DENSO
 CD1 – CERRADO DENSO
 CD2 – CERRADO DENSO + FLORESTA-GALERIA
 CD3 – CERRADO DENSO + CERRADO ESPARSO

CR – CERRADÃO
 CR1 – CERRADÃO
 CR2 – CERRADÃO + FLORESTA-GALERIA

Cobertura Florestal

FG – FLORESTA-GALERIA
 FG1 – FLORESTA-GALERIA
 FG2 – FLORESTA-GALERIA + CAMPO INUNDÁVEL + MURUNDUS
 FG3 – FLORESTA-GALERIA + CAMPO INUNDÁVEL

FS – FLORESTA SUBÚMIDA
 FS1 – FLORESTA SUBÚMIDA

Cobertura Agrícola

AG – AGRICULTURA EM GERAL
 AG1 – AGRICULTURA SUBSTITUINDO A FLORA ORIGINAL
 AG2 – AGRICULTURA + REMANESCENTES DA FLORA ORIGINAL

RF – REFLORESTAMENTO
 RF1 – REFLORESTAMENTO

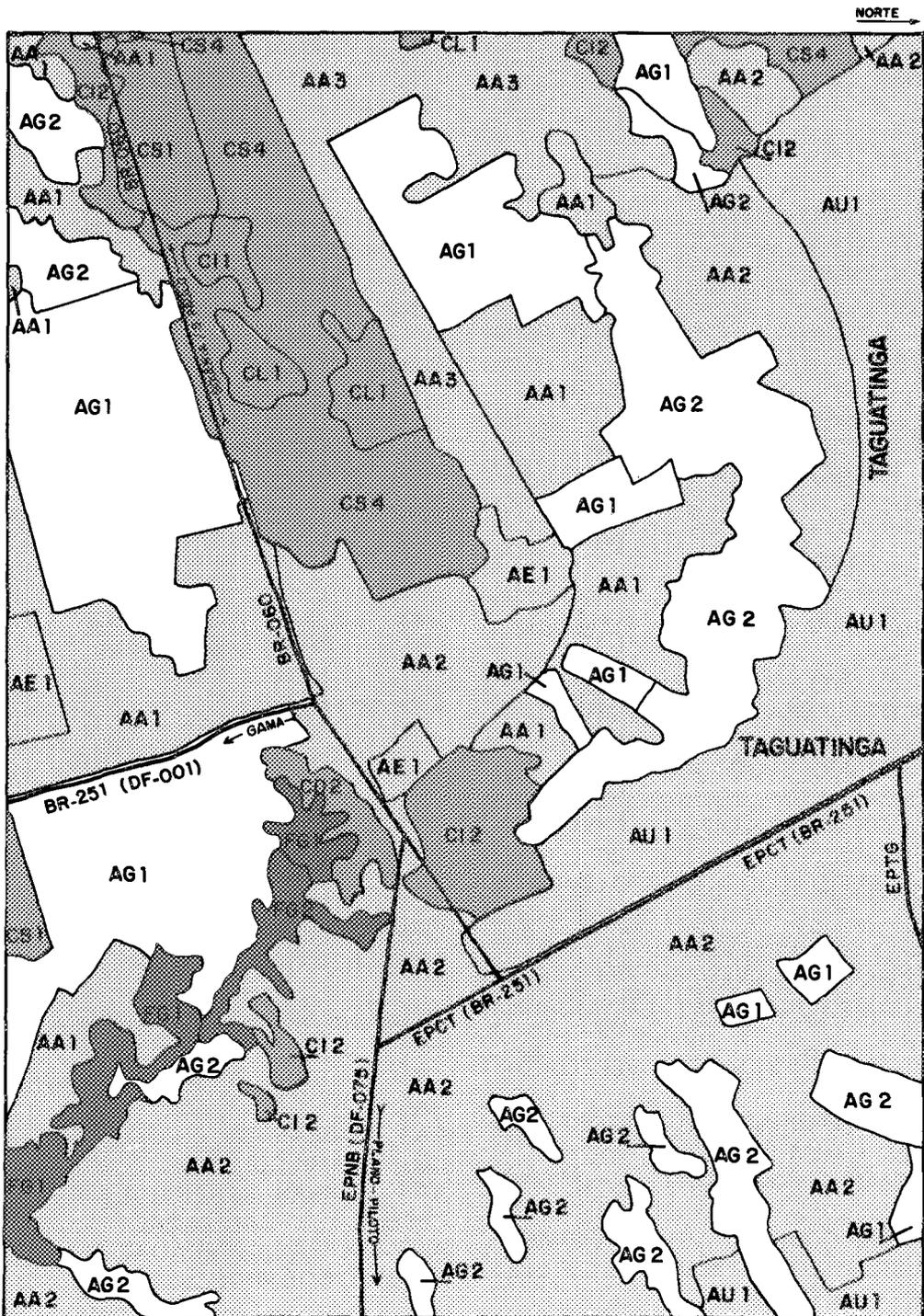
Coberturas Alteradas Não Agrícolas

AA – ÁREAS ALTERADAS NÃO URBANAS
 AA1 – ÁREAS ALTERADAS POR PROCESSOS AGRÍCOLAS
 AA2 – ÁREAS ALTERADAS POR PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO
 AA3 – ÁREAS ALTERADAS SEM IDENTIFICAÇÃO DOS PROCESSOS

AU – ÁREAS URBANAS
 AU1 – ÁREAS URBANAS

AE – ÁREAS ESPECIAIS
 AE1 – ÁREAS ESPECIAIS

FIGURA 1
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



AG/RF – Cobertura Agrícola

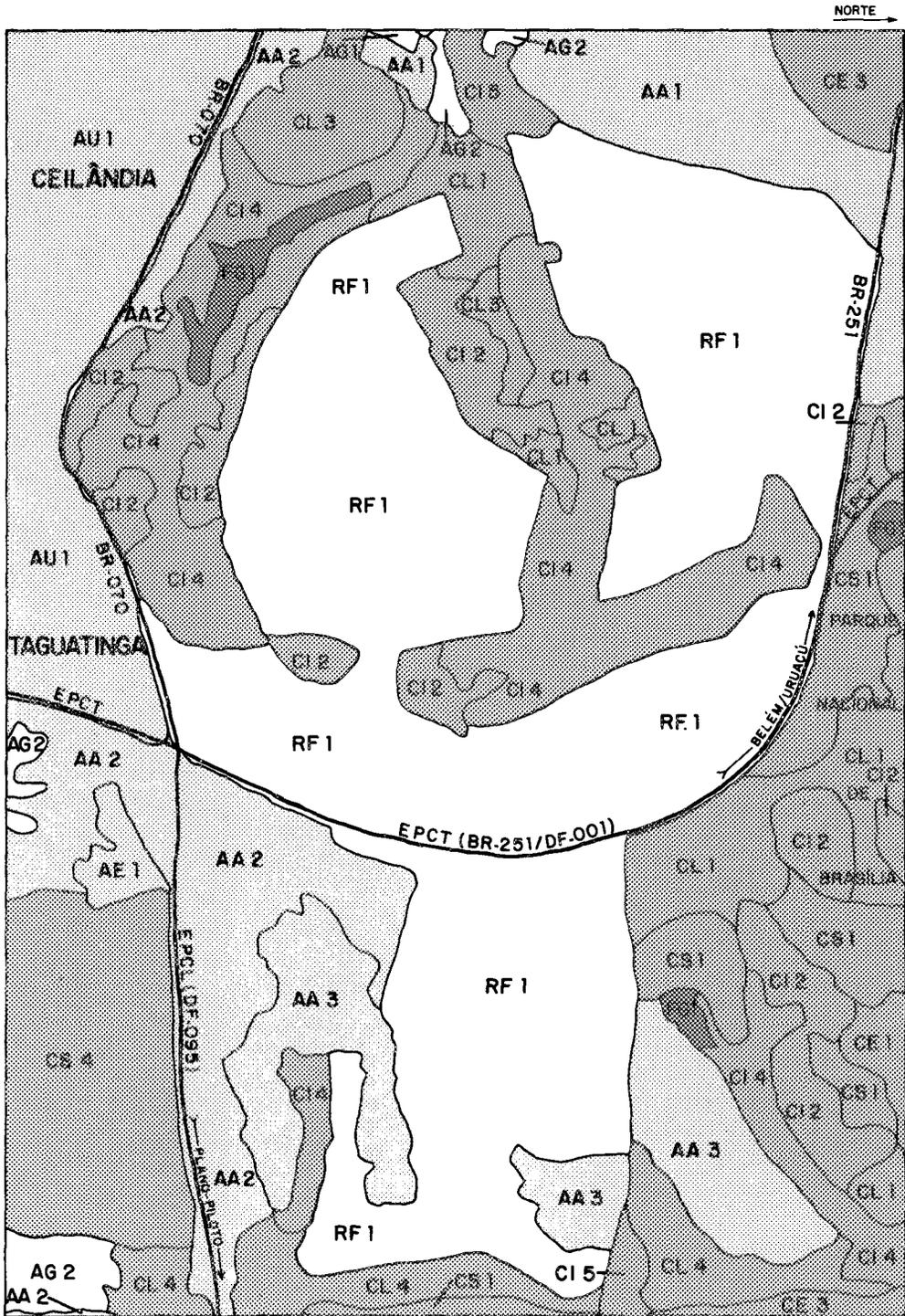
AA/AE/AU – Cobertura Alterada Não Agrícola

CD/CE/CI/CL/CR/CS – Cobertura de Cerrado

FG/FS – Cobertura Florestal

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

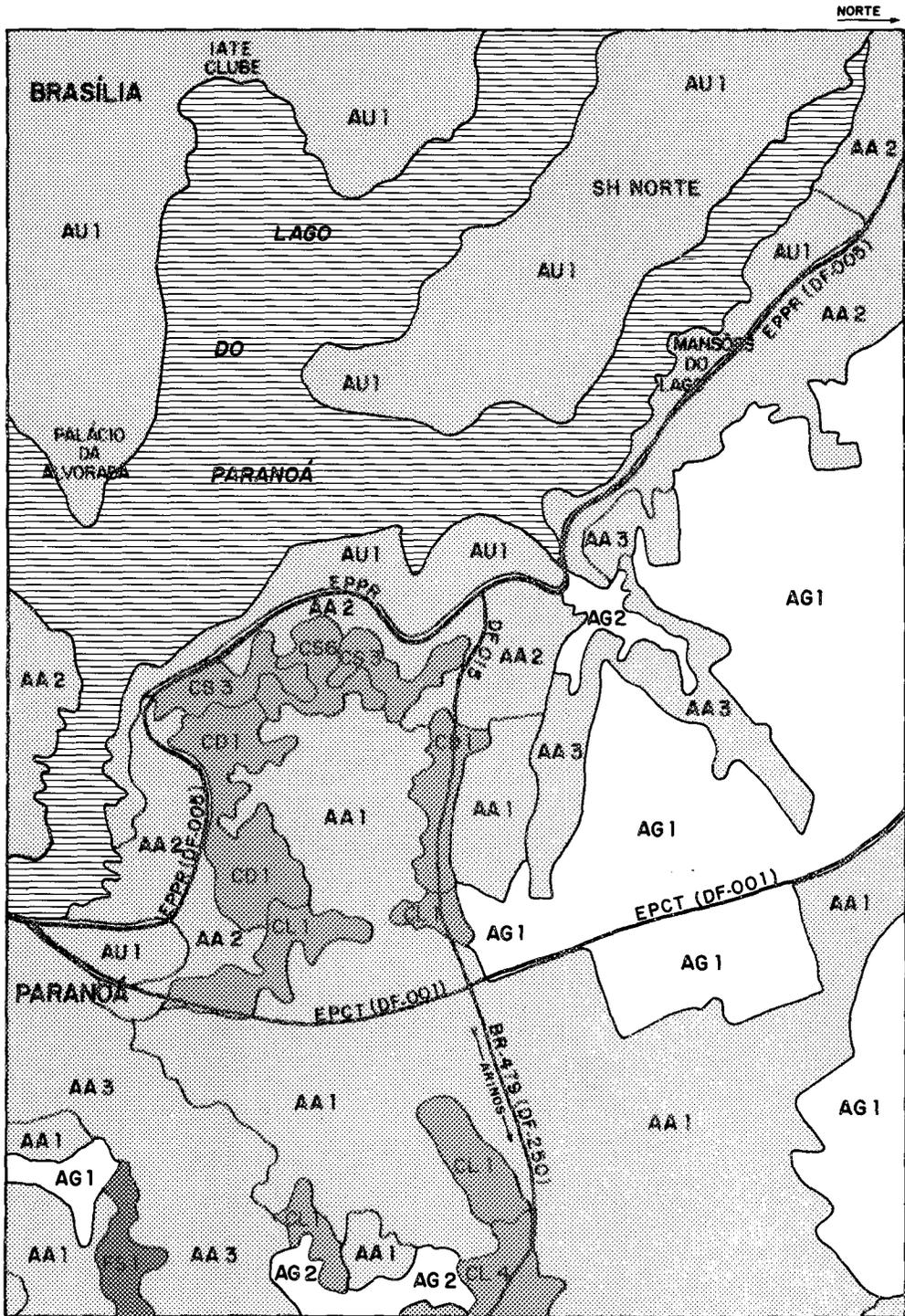
FIGURA 2
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | |
|---|---|
| AG/RF -- Cobertura Agrícola | CD/CE/CI/CL/CR/CS -- Cobertura de Cerrado |
| AA/AE/AU -- Cobertura Alterada Não Agrícola | FG/FS -- Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

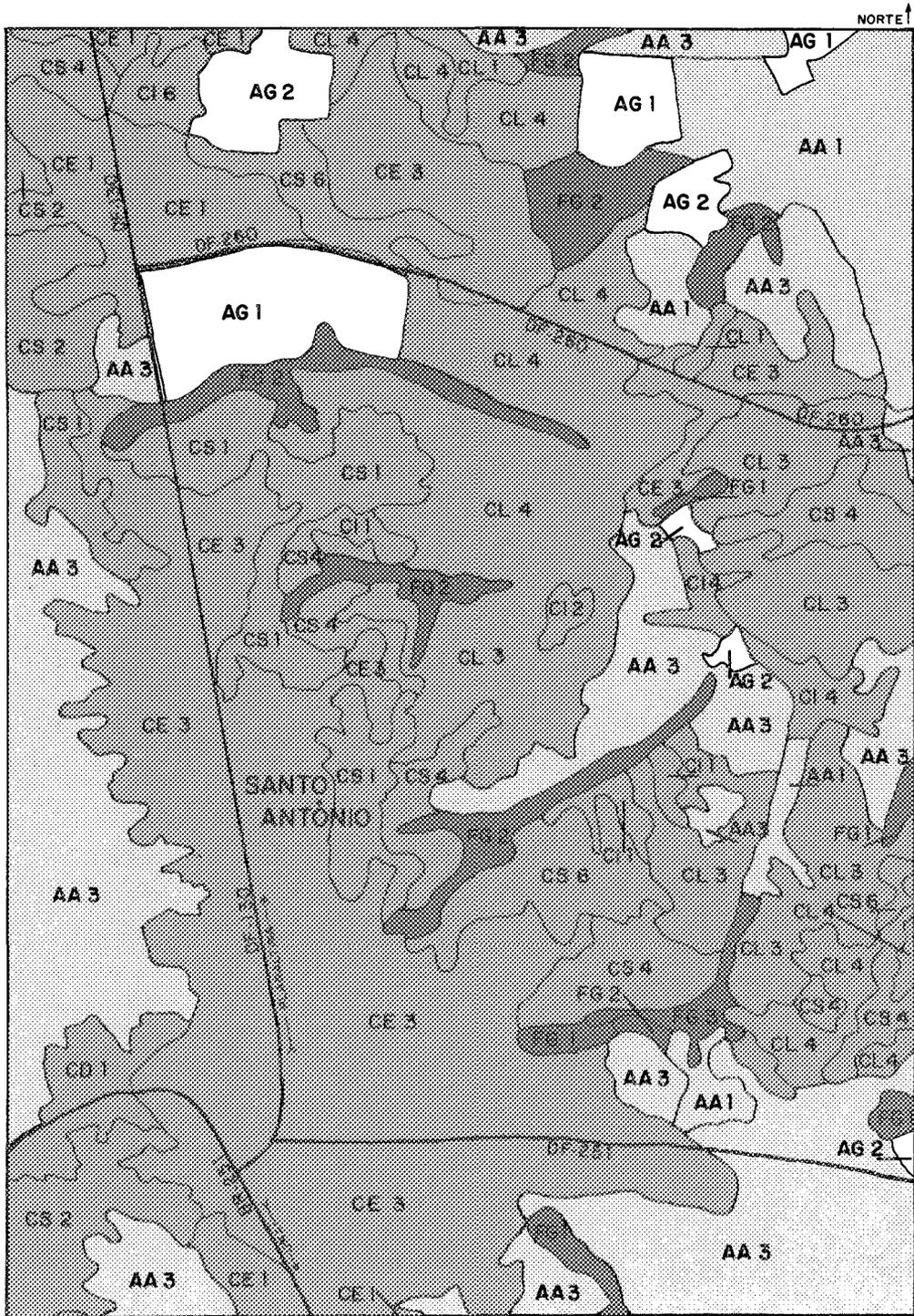
FIGURA 3
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | | | |
|---|--|---|---------------------------------------|
|  | AG/RF – Cobertura Agrícola |  | CD/CE/CI/CR/CS – Cobertura de Cerrado |
|  | AA/AE/AU – Cobertura Alterada Não Agrícola |  | FG/FS – Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

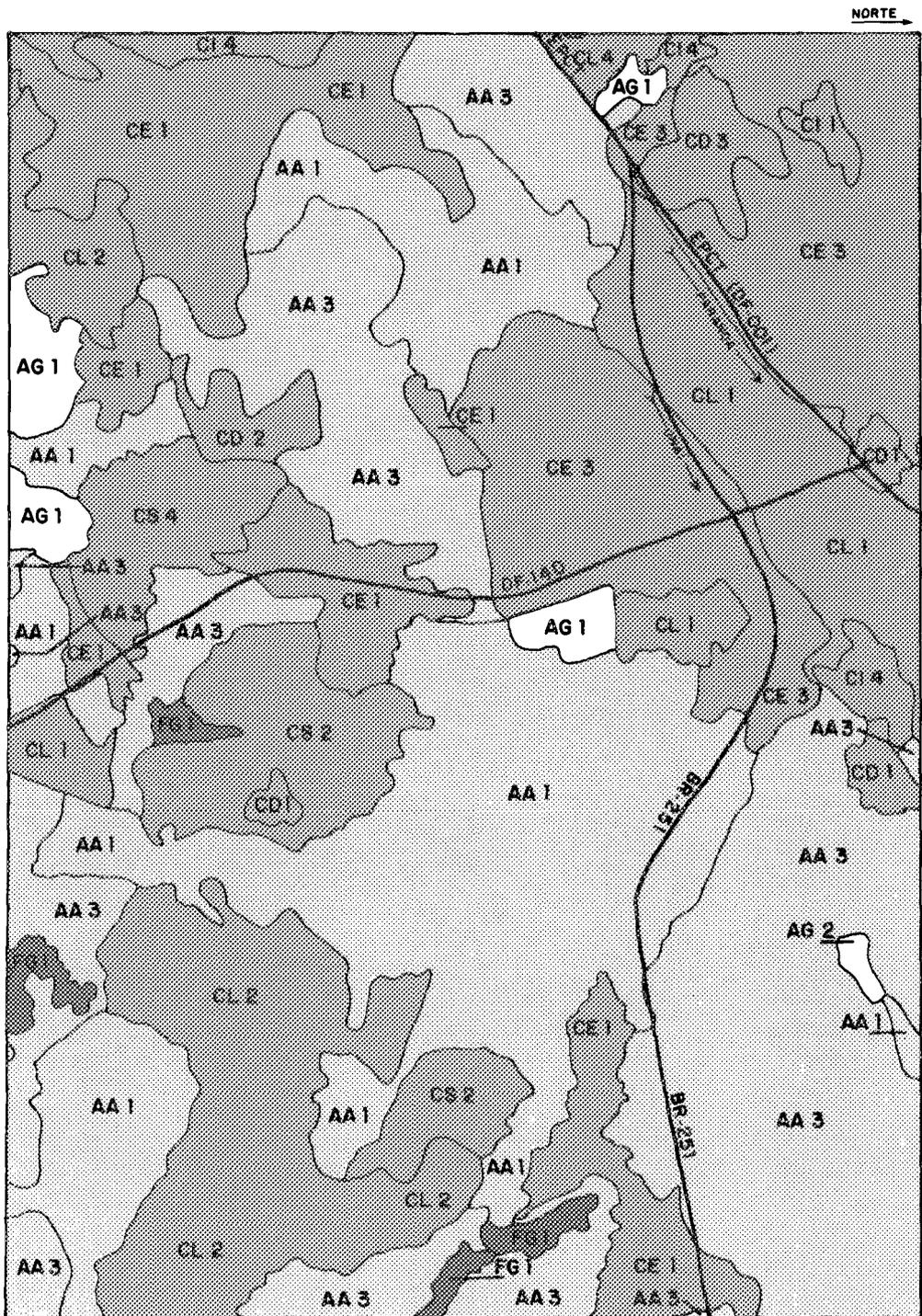
FIGURA 6
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | |
|--|--|
|  AG/RF – Cobertura Agrícola |  CD/CE/CI/CL/CR/CS – Cobertura de Cerrado |
|  AA/AE/AU – Cobertura Alterada Não Agrícola |  FG/FS – Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

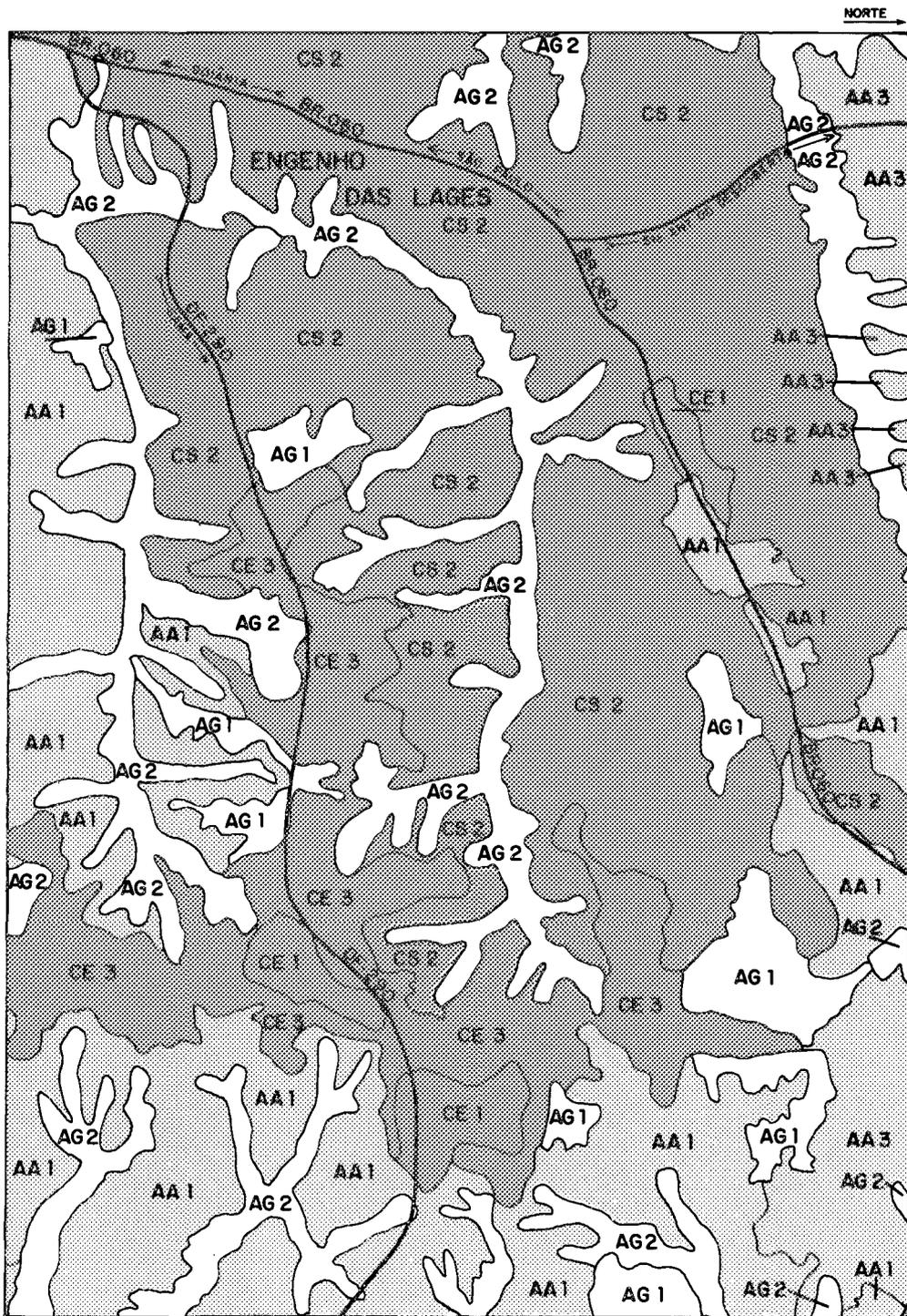
FIGURA 7
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | | | |
|---|--|---|--|
|  | AG/RF – Cobertura Agrícola |  | CD/CE/CI/CL/CR/CS – Cobertura de Cerrado |
|  | AA/AE/AU – Cobertura Alterada Não Agrícola |  | FG/FS – Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

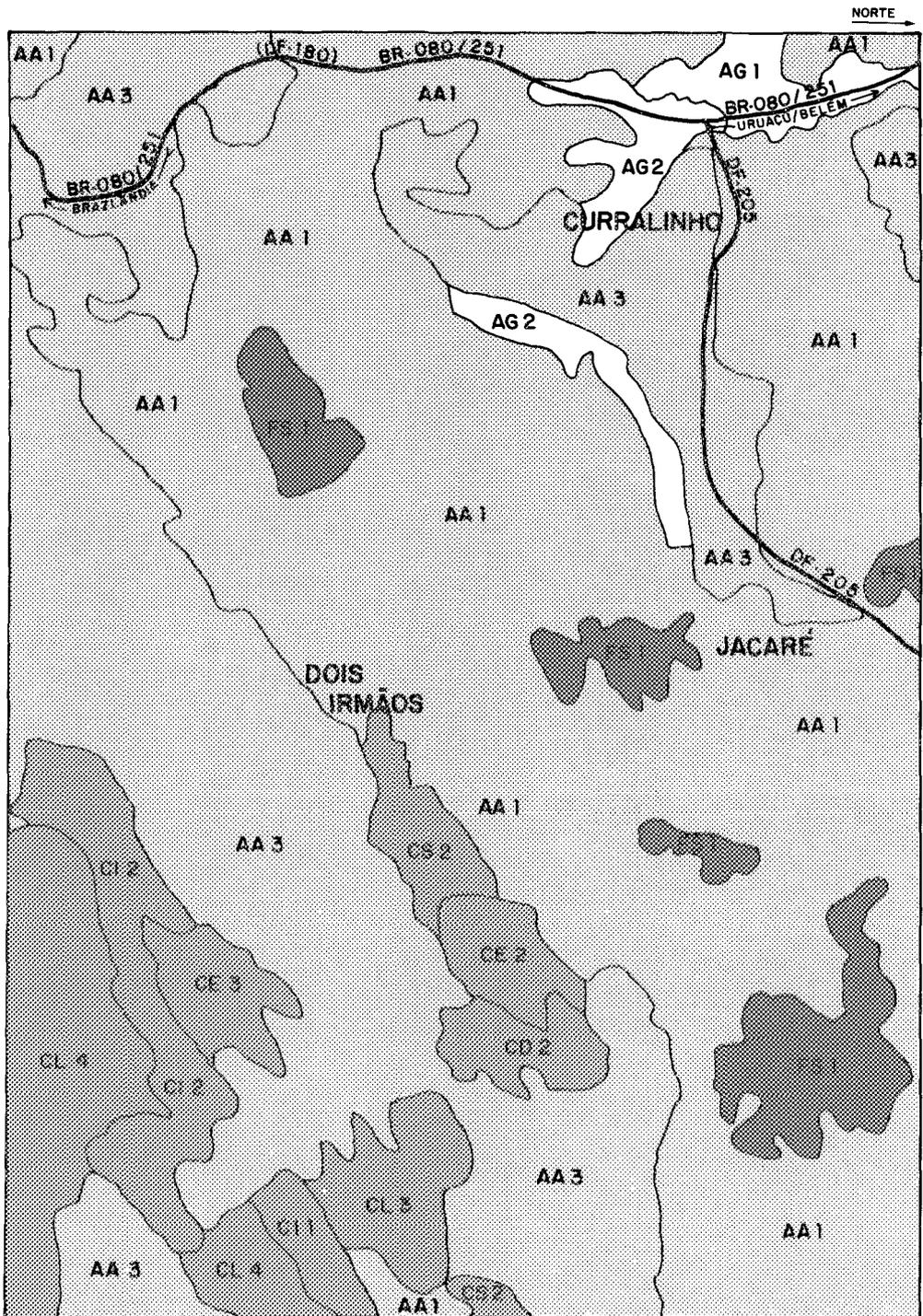
FIGURA 8
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | |
|--|--|
|  AG/RF — Cobertura Agrícola |  CD/CE/CI/CL/CR/CS — Cobertura de Cerrado |
|  AA/AE/AU — Cobertura Alterada Não Agrícola |  FG/FS — Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 x 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

FIGURA 9
COBERTURA VEGETAL DO DISTRITO FEDERAL
ÁREAS SELECIONADAS*



- | | | | |
|---|--|---|--|
|  | AG/RF – Cobertura Agrícola |  | CD/CE/CI/CL/CR/CS – Cobertura de Cerrado |
|  | AA/AE/AU – Cobertura Alterada Não Agrícola |  | FG/FS – Cobertura Florestal |

*O mapeamento original consta de 6 folhas com 77,5 × 83,5 cm na escala aproximada de 1:40.000.

APÊNDICE

Lista de Espécies mais Comuns Segundo as Formações Básicas

É importante explicar que os murundus, uma forma de microrrelevo, foram incluídos nesta lista por apresentarem flora característica, embora suas espécies sejam originais das formações típicas do ambiente do cerrado.

As espécies apresentadas para o cerrado esparsa, para o campo sujo de cerrado e para o campo limpo de cerrado, devem ser acrescentadas muitas outras que, embora sejam típicas do cerrado, apresentam-se, muitas vezes, sob uma forma raquítica, nas formas anteriormente citadas. Desta maneira, as espécies apresentadas para estas formações são as mais aclimatadas com estes ambientes e, portanto, as mais típicas.

Floresta-Galeria

Acacia paniculata
Acacia polyphylla
Alchornea iricurana
Amaiona guianensis
Andira sp.
Antonia ovata
Apuleia molaris
Aspidosperma sp.
Astronium urundeuva
Baccharis dentata
Bauhinia rufa
Belangeria glabra
Belangeria tomentosa
Blechnum brasiliense
Bombax longiflorum
Bredemeyera floribunda
Byrsonima laxiflora
Byrsonima umbellata
Cabrera cangerana
Callisthene major
Calophyllum brasiliense
Campyloneuron phylliditis
Cardiopetalum calophyllum
Cariniana brasiliense

Casearia grandiflora
Casearia sylvestris
Cayaponia tayaya
Cecropia sp.
Cedrella odorata
Ceiba burchelli
Cephaelis glabrescens
Cissampelos pareira
Clusia criuiva
Coccocypselum lanceolatum
Coccoloba sp.
Copaiba langsdorfii
Croton cf. sanguinalis
Cupania vernalis
Cybianthus glaber
Dalbergia foliosa
Dasyphyllum brasiliense
Didymopanax sp.
Dioscorea marginata
Emmotium nitens
Enterolobium contortisiliquum
Erythroxylum daphnites
Erythroxylum vacciniifolium
Eupatorium vautheranum
Euplassa inaequalis
Fagaria rhoifolia
Ferdinandusa speciosa
Ficus sp.
Gaylussacia brasiliensis
Geonoma schottiana
Gilibertia cf. cuneata
Gochnatia polymorphos
Gouania polygama
Guarea tuberculata
Guatteria sellowii
Guettarda viburnoide
Hedyosmum brasiliense
Hippocratea sp.
Hippocratea volubilis
Hirtella glandulosa
Hymenaea stignocarpa
Hyptis cana
Ichnanthus bambusiflorus
Ichnanthus nemorosus
Ilex theezans
Inga alba
Inga cylindrocarpa
Inga marginata
Jacaranda caroba
Laplacea fruticosa
Lindsaea lancea
Lippia rotundifolia
Luehea divaricata
Luehea grandiflora

- Luehea paniculata*
Machaerium acutifolium
Machaerium angustifolium
Malanea macrophylla
Maprounea guianensis
Matayba guianensis
Mauritia flexuosa
Mauritia vinifera
Melanoxylon brauna
Miconia chamimisois
Miconia nervosa
Mikania acuminata
Myrcia cf. deflexa
Myrcia cf. subrugosa
Myrcia tomentosa
Nectandra sp.
Olyra latifolia
Orbignia martiana
Ormosia sp.
Ormosia arborea
Palicourea marcgravii
Panicum sp.
Passiflora villosa
Phaseolus appendiculatus
Phoradendron crassifolium
Piper arboreum
Piper sp.
Piptadenia communis
Piptadenia falcata
Piptadenia macrocarpa
Piptocarpha macrocarpa
Piptocarpha oblonga
Pisonia graciliflora
Polypodium fraximifolium
Protium brasiliense
Pseudobombax longiflorum
Pseudomedia leavigata
Pteridium aquilinum var. arachnoideum
Qualea dichotoma
Qualea multiflora
Relbunium buxifolium
Renealmia exaltata
Richeria obovata
Rubus urticaefolius
Salacia elliptica
Sapium obovatum
Scleria arundinacea
Sclerolobium paniculatum
Sebastiania scandens
Serjania erecta
Serjania sp.
Sideroxylum venulosum
Sipawna cuyabana
Siparuna guianensis
Smilax syringoides
Sorocea sp.
Styrax camporum
Symplocus nitens
Tabebuia chrysotrica
Tabebuia sp.
Talauma ovata
Tapirira guianensis
Tapura amazonica
Terminalia fagifolia
Terminalia glabresces
Tibouchina candolleana
Trembleya parviflora subsp. triflora
Trichomanes crispum
Viola sebifera
Viola urbaniana
Vochysia pyramidalis
Vochysia tucanorum
Xylopia aromatica
Xylopia emarginata
Xylopia sp.
- Floresta Subúmida**
- Acrocomia sclerocarpa*
Apuleia sp.
Aspidosperma sp.
Astronium urundeuva
Calysthene major
Carapa sp.
Cariniana estrelense
Casearia grandiflora
Cassia ferruginea
Cavanillesia arborea
Cedrella odorata
Centrolobium tomentosum
Chorisia speciosa
Desmodium sp.
Emmotum nitens
Ferreirea spectabilis
Ficus sp.
Guarea tuberculata
Hymenaea stignocarpa
Lonchocarpus costatus
Melanoxylon sp.
Morus sp.
Myrocarpus sp.
Nectandra lanceolata
Orbygnia martiana
Piptadenia macrocarpa
Pithecolobium tortuum
Platycyanus regnellii

Platypodium elegans
 Simaruba amara
 Tabebuia chrysotricha
 Torresea cearensis
 Virola sebifera

Cerradão

Agonandra brasiliensis
 Alastromeria cunea
 Alibertia edulis
 Alibertia elliptica
 Alibertia sessilis
 Allagoptera leucocalix
 Annona coriacea
 Annona crassifolia
 Annona monticula
 Annona tomentosa
 Antonia ovata
 Arrabidaea brachypoda
 Arrabidaea scepirum
 Aspidosperma macrocarpum
 Aspidosperma tomentosum
 Aster camporum
 Astronium urundeuva
 Baccharis intermixta
 Bauhinia bongardi
 Bilbergia alfonsi-joannis
 Bombax campestre
 Bowdichia virgilioides
 Bredemeyera floribunda
 Bromelia villosa
 Brosimum gaudichaudii
 Byrsonima coccolobifolia
 Callisthene fasciculata
 Camptosema coriaceum
 Cariocar brasiliense
 Casearia grandiflora
 Casearia javitensis
 Casearin sylvestris
 Cassia clausenii
 Cassia desvauxii var. macrophyllum
 Cissampelos ovalifolia
 Copaifera langsdorfii
 Copaifera oblongifolia
 Croton goyazensis
 Croton pohlianus
 Cupania vernalis
 Curatella americana
 Cybianthus cf. detergens
 Dalbergia violacea
 Dalechampia caperonioides
 Didymopanax macrocarpum

Dimorphandra mollis
 Duguetia furfuracea
 Echnoleana inflexa
 Elionorus latiflorus
 Emmotium nitens
 Eremanthus glomeratus
 Eremanthus goyazensis
 Eriosema crinitum var. macrophyllum
 Eriosema rigida
 Erythroxyllum campestre
 Erythroxyllum suberosum
 Erythroxyllum tortuosum
 Eugenia cf. gamaena
 Eugenia dysenterica
 Eupatorium horminioides
 Fagara rhoifolia
 Galactia stereophylla
 Himatanthus obovata
 Hirtella glandulosa
 Hymenaea stignocarpa
 Ichthyothere latifolia
 Jacaranda ulei
 Kielmeyera coriacea
 Lafoensia pacari
 Luehea divaricata
 Luehea grandiflora
 Luehea paniculata
 Machaerium opacum
 Mandevilla illustris
 Miconia albicans
 Miconia albo-rufescens
 Miconia fallax
 Miconia ferruginata
 Miconia macrothyrsa
 Miconia pohliana
 Mimosa clausenii
 Myrcia dictyophylla
 Myrcia linearifolia
 Neea theifera
 Palicourea rigida
 Palicourea squarrosa
 Panicum cf. procurrans
 Paspalum ammodes
 Paffia jubatta
 Piptadenia macrocarpa
 Plathymenia reticulata
 Platypodium elegans
 Pterodon pubescens
 Qualea grandiflora
 Qualea multiflora
 Qualea parviflora
 Rhynchospora consaguinea var. rigida
 Rudgea viburnoides

Sabicea brasiliensis
Sapium marginatum
Sclerolobium aureum
Sclerolobium paniculatum
Simaruba amara
Simaruba versicolor
Solanum lanigerum
Strychnos pseudoquina
Syagrus comosa
Syagrus flexuosa
Tibouchina sp.
Tocoyena formosa
Velloria squamata
Viguiera robusta
Vochysia sp.
Vochysia thyrsoidea
Xylopia aromatica

Cerrado Denso

Acosmium dasycarpum
Anacardium curatellifolium
Anacardium humile
Annona coriacea
Annona crassifolia
Annona monticola
Annona tomentosa
Aristida pallens
Aristida riparia
Arrabidaea brachypoda
Aspidosperma macrocarpum
Aspidosperma populnea
Attalea exigua
Austroplenkia populnea
Axonopus barbigerus
Bauhinia dumosa
Bombax campestre
Bowdichia virgilioides
Bromelia villosa
Brosimum guadichaudii
Butia leiospatha
Byrsonima crassa
Byrsonima verbascifolia
Calliandra dysantha
Caryocar brasiliense
Casearia sylvestris
Cassia clausenii
Cassia desvauxii var. *langsdorfii*
Cassia imbricans
Cassia pohliana
Cassia rugosa
Cissampelos ovalifolia
Connarus fulvus

Croton goyazensis
Croton pohlianus
Curatella americana
Dalbergia violacea
Dalechampia caperonioides
Davilla elliptica
Declieuxia fruticosa
Didymopanax macrocarpum
Dimorphandra mollis
Diospyros hispida
Diplusodon villosus
Duguetia furfuracea
Echinolaena inflexa
Enterolobium gummiferum
Eremanthus glomeratus
Eremanthus goyazensis
Eriosema congestum
Erythroxylum campestre
Erythroxylum deciduum
Erythroxylum suberosum
Erythroxylum tortuosum
Esembeckia odoratissima
Eugenia cf. *tomentosa*
Eugenia dysenterica
Galactia grewiaefolia
Galactia stereophylla
Gomphrena officinalis
Hancornia speciosa
Himatanthus obovata
Hymenaea stignocarpa
Hyptis villosa
Jacaranda ulei
Kielmeyera coriacea
Kielmeyera neriifolia
Kielmeyera rubiflora
Kielmeyera speciosa
Lafoensia pacari
Macherium opacum
Magonia pubescens
Melinis minutiflora
Memora pedunculata
Miconia ferruginata
Miconia pohliana
Mimosa clausenii
Mimosa lanuginosa
Myrcia dictyophilla
Myrcia linearifolia
Myrcia tomentosa
Neea theifera
Ouratea hexasperma
Palicourea rigida
Palicourea squarrosa
Panicum cf. *procurrens*
Parinari obtusifolia

Pavonia rosa-campestris
Peixotoa cordistipula
Peritassa campestris
Phthirusa ovata
Piptadenia macrocarpa
Piptocarpa rotundifolia
Pisonia olfersiana
Plathymenia reticulata
Pouteria ramiflora
Protium ovatum
Pterodon polygalaeflorus
Pterodon pubescens
Qualea grandiflora
Qualea multiflora
Qualea parviflora
Rhynchospora consanguinea var. *rigida*
Roupala montana
Rourea indulta
Sabicea brasiliensis
Salacia crassifolia
Schizachyrium sanguineum
Sclerolobium aureum
Sclerolobium paniculatum
Serjania erecta
Solanum lycopersicum
Strychnos pseudoquina
Stryphnodendron adstringens
Styrax ferrugineus
Syagros comosa
Syagros flexuosa
Tibouchina sp.
Tocayena formosa
Trachypogon spicatus
Tristachya sp.
Vellosia flavicans
Vellosia squamata
Vernonia ferruginea
Vernonia fruticosa
Vernonia ruficoma
Vochysia elliptica
Vochysia rufa
Vochysia thyrsoidea
Vochysia tucanorum
Zeyhera montana

Cerrado Esparso

Anacardium humile
Andira humilis
Byrsonima crassa
Campomanesia corymbosa
Caryocar brasiliense
Cochlospermum regium
Davilla elliptica

Eremanthus glomeratus
Esembeckia pumila
Jacaranda decurrens
Kielmeyera coriacea
Machaerium opacum
Qualea grandiflora
Qualea sp.
Sabicea brasiliensis
Sclerolobium paniculatum
Strychnos pseudoquina
Tocoyena formosa
Vochysia thyrsoidea

Campo Sujo de Cerrado

Andira humilis
Aristida pallens
Attalea exigua
Bulbostylis emmerichiae
Bulbostylis paradoxa
Byrsonima viminifolia
Cassia orbiculata
Crumenaria erecta
Declieuxia cordigera
Echinoleana inflexa
Elionorus candida
Elionows muticus
Eremanthus scapigerus
Eriochyrsis holcooides
Eriope crassipes
Galactia grewiaefolia
Galactia peduncularis
Gomphrena officinalis
Hyparrhenia rufa
Hyptis suaveolens
Ionidium cf. *ipecacuana*
Lippia sericea
Lynchnophora ericoides
Mandevilla myriophyllum
Melinis minutiflora
Panicum longispiculum
Panicum macranthum
Paspalum stellatum
Rhynchospora terminalis
Rhynchospora warmingii
Stachytarpheta gemerioides
Tristachya chrysothrix
Tristachya leiostachya
Vellosia crassicaulis

Campo Limpo de Cerrado

Anacardium humile
Aspilia foliacea

Borreria verbenoides
Bulbostylis emmerichiae
Byrsonima viminifolia
Calliandra virgata
Cassia orbiculata
Croton goyazensis
Declieuxia cordigera
Elionurus muticus
Eremanthus scapigerus
Eriochyrsis holcoides
Eriope crassipes
Galactia grewiaefolia
Galactia peduncularis
Hyptis suaveolens
Ionidium cf. ipecacuana
Lippia sericea
Lychnophora ericoides
Mandevilla myriophyllum
Panicum longispiculum
Panicum macranthum
Paspalum stellatum
Pleurostima andersonii
Rhynchospora terminalis
Rhynchospora warmingii
Sporolobus cubensis
Stachytarpheta gesnerioides
Staelia capitata
Trachypogon spicatus
Tristachya leiostachya
Vellosia crassicaulis
Viguiera linearifolia
Viguiera robusta

Campos Inundáveis

Andropogon virgatus
Apteria aphylla
Asclepias brasiliensis
Buchnera juncea
Burmania alba
Burmania flava
Chelonanthus viridiflorus
Comolia lanceaeflora
Cuphea cf. spermacoe
Curtia patula
Curtia tenuifolia
Curtia verticillaris
Declieuxia oenanthoides
Dejanira nervosa
Desmoceus villosa
Ditassa virgata
Drosera hirtella
Equisetum giganteum
Ehiosema defoliatum

Eryngium ebracteatum
Eryngium hemisphericum
Gaylussacia goyazensis
Habenaria cf. nuda
Hyptis crenata
Hyptis linearoides
Jacaranda caroba
Lavoisiera grandiflora
Leucothoe chlorantha var. chlorantha
Lisianthus coerulescens
Ludwigia cf. tomentosa
Lycopodium alopecuroides
Lycopodium carolinianum
Lycopodium cernuum
Mauritia vinifera
Melochia pyramidata
Monnina exalata
Oxypetalum erectum
Polygala juncea
Polygala linioides
Polygala longicaulis
Polygala subtilis
Porophyllum lineare
Rechsteineria spicata
Rhynchanthera rostrata
Rhynchospora albiceps
Rhynchospora consanguinea var. rigida
Rhynchospora junciformis
Rhynchospora robusta
Salvia scabrida
Sauvagesia racemosa
Schizachyrium sanguineum
Schultesia cf. gracilis
Schultesia viridiflorus
Scleria arundinacea
Siphanthera cordata
Syngonanthus densiflorus
Syngonanthus nitens
Tibouchina gracilis
Trembleya phlogiformis var. quinquinervia
Utricularia adpressa
Verbesina sordescens
Vernonia mariana
Xyris hymenachne
Xyris savannensis
Xyris tortula

Flora dos Murundus

Acosmium dasycarpum
Aegiphila hotskyana
Anarcadium curatellifolium
Annona monticola
Aspidosperma tomentosum

Byrsonima coccolobifolia
 Byrsonima crassa
 Byrsonima verbascifolia
 Cissampelos ovavifolia
 Connarus fulvus
 Dalbergia violacea
 Davilla elliptica
 Desmocelis villosa
 Didymopanax macrocarpum
 Enterolobium ellipticum
 Eremanthus glomeratus
 Eriotheca pubescens
 Erythroxylum campestre
 Erythroxylum suberosum
 Erythroxylum tortuosum
 Jacaranda caroba
 Kielmeyera coriacea
 Kielmeyera neriifolia
 Kielmeyera speciosa
 Lafoensia pacari
 Lippia rotundifolia
 Lycopodium cernuum
 Maprounea guianensis
 Miconia albicans
 Miconia fallax
 Miconia ferruginata
 Miconia pohliana
 Neea theifera
 Ouratea hexasperma
 Palicourea coriacea
 Palicourea rigida
 Pisonia noxia
 Protium ovatum
 Rapanea guianensis
 Roupala montana
 Sabicea brasiliensis
 Salacia crassifolia
 Stryphnodendron barbatimao
 Strychnos pseudoquina
 Styrox ferrugineus
 Symplocos rhamnifolia
 Trembleya phlogiformis

Lista de Nomes Populares

Esta listagem de nomes comuns refere-se somente às espécies citadas neste trabalho e como elas são conhecidas. Cerca de 43% do total das espécies listadas não possuem nomes populares ou não foi possível conhecê-los.

A

AÇAI — *Geonoma schottiana*
 AÇOITA-CAVALO — $\left\{ \begin{array}{l} \text{Luhea divaricata} \\ \text{Luhea grandiflora} \\ \text{Luhea paniculata} \end{array} \right.$
 ALGODÃO-DO-CAMPO — *Cochlospermum regium*
 AMARGOZINHA — *Acosmium dasycarpum*
 AMBURANA — *Torresea cearensis*
 AMENDOIM — *Platypodium elegans*
 AMESCLA — *Protium brasiliensis*
 AMORA-DO-MATO — *Rubus urticaefolius*
 AMOREIRA — *Morus* sp.
 ANGARANA — *Sclerolobium paniculatum*
 ANGAZINHO — *Sclerolobium paniculatum*
 ANGÉLICA — *Hedyosmum brasiliense*
 ANGICO — $\left\{ \begin{array}{l} \text{Piptadenia communis} \\ \text{Piptadenia macrocarpa} \end{array} \right.$
 ANGICO-PRETO — *Piptadenia falcata*
 ANGICO-VERMELHO — *Piptadenia macrocarpa*
 ARAÇÁ-DA-MATA — *Myrcia* cf. *deflexa*
 ARARIBÁ — *Centrolobium tomentosum*
 ARATICUM — $\left\{ \begin{array}{l} \text{Annona coriacea} \\ \text{Annona crassifolia} \\ \text{Talauma ovata} \end{array} \right.$
 AROEIRA — *Astronium urundeuva*
 ARNICA-DO-MATO — *Chromolaena odorata*
 ASSA-PEIXE — $\left\{ \begin{array}{l} \text{Vernonia fruticosa} \\ \text{Vernonia polyanthes} \\ \text{Vernonia ruficoma} \end{array} \right.$
 ASSA-PEIXE-BRANCO — *Vernonia ferruginea*
 ATA-BRAVA — *Talauma ovata*

B

BABAÇU — *Orbignya martiana*
 BACUPARI — *Hippocratea* sp.
 BACUPARI-DO-CERRADO — *Salacia crassifolia*
 BACUPARI-VERMELHO — *Salacia elliptica*
 BÁLSAMO — *Myrocarpus* sp.
 BARBATIMÃO — *Stryphnodendron adstringens*
 BARRIGUDA — *Cavanillesia arborea*
 BATE-CAIXA — *Palicourea rigida*
 BICO-DE-PATO — *Machaerium angustifolium*
 BOIZINHO — *Kielmeyera coriacea*
 BOLDO-BRAVO — *Hyptis cana*
 BOLSA-DE-PASTOR — *Zeyhera montana*

BOLSINHA — { *Aspidosperma macrocarpum*
Aspidosperma tomentosum
 BOSTA-DE-RATO — *Hirtella glandulosa*
 BRAÚNA — *Melanoxylon brauna*
 BREU — *Protium brasiliense*
 BREU-DA-MATA — *Protium brasiliense*
 BREU-DO-CERRADO — *Protium ovatum*
 BRINCO-D'ÁGUA — *Ferdinandusa speciosa*
 BUGRE — *Rudgea viburnoides*
 BURITI — *Mauritia flexuosa*
Mauritia vinifera
 BUTIÁ — *Butia leiostpatha*

C

CABEÇA-DE-NEGRO — { *Ouratea hexas-*
perma
Bulbostylis para-
doxa
 CABECINHA-DE-NEGRO — *Bulbostylis emer-*
richiae
 CABIÚNA-DO-CERRADO — *Dalbergia viola-*
cea
 CAFEZINHO — *Rapanea guianensis*
 CAGAITEIRA — *Eugenia dysenterica*
 CAGARTA — *Eugenia dysenterica*
 CAJUEIRO-DO-CAMPO — *Anacardium hu-*
mile
 CAJUÍ — *Anacardium humile*
 CAJU-RASTEIRO — *Anacardium curatellifo-*
lium
 CAJUZINHO-DO-CAMPO — *Anacardium*
humile
 CALÇÃO-DE-VELHO — *Buddleia brasiliensis*
 CAMBOATÁ — { *Cupania vernalis*
Matayba guianensis
 CANAFÍSTULA-PRETA — *Cassia ferruginea*
 CANCELEIRO — *Machaerium acutifolium*
 CANELA — *Nectandra sp.*
 CANELA-DE-EMA — { *Vellosia squamata*
Vellosia flavicans
 CANGALHEIRO — { *Belangera tomentosa*
Belangera glabra
 CANJERANA-VERMELHA — *Vochysia*
pyramidalis
 CAPIM-AMARGOSO — *Elionorus candida*
 CAPIM-BARBA-DE-BODE — *Aristida pallens*
 CAPIM-BENGÓ — *Panicum sp.*
 CAPIM-FLEXA — *Tristachya Leiostachya*
 CAPIM-GORDURA — *Melinis minutiflora*
 CAPIM-NAVALHA — *Scleria arundinacea*
 CAPIM-TRIGO — *Olyra latifolia*
 CAPITÃO — *Terminalia glabrescens*

CAPITÃO-DA-MATA — *Terminalia fagifolia*
 CAROBINHA — *Jacaranda caroba*
 CARVALHO — *Emmotium nitens*
 CARVOEIRO — { *Sclerolobium paniculatum*
Sclerolobium aureum
 CASCA-D'ANTA — *Calophyllum brasiliense*
 CASCUDINHO — *Maprounea guianensis*
 CAVIÚNA — *Dalbergia violacea*
 CEDRO — { *Cedrella odorata*
Cabralea cangerana
 CEREJEIRA — *Torresea cearensis*
 CIPÓ-COSTELA-DE-ONÇA — *Coccoloba sp.*
 CIPÓ-CURURU — *Serjania sp.*

CIPÓ-JAPECANGA — { *Smilax syringoides*
Eupatorium vauther-
rianum
 COPAÍBA — *Copaifera langsdorfii*
 COQUINHA — *Allagoptera leucocalyx*
 CORAÇÃO-DE-NEGRO — { *Eremanthus glo-*
meratus
Piptocarpha ro-
tundifolia
Piptocarpha ma-
cropoda
Connarus fulvus
 CROTALÁRIA — *Crotalaria grandiflora*
 CURIOLA — *Pouteria ramifolia*

D

DOURADINHA — *Rudgea viburnoides*

E

EMBRIBEIRA — *Guatteria sellovii*
 ERVA-DE-PASSARINHO — *Phthirusa ovata*
 ERVA-DE-TATU — *Casearia sylvestris*

F

FAVEIRO — *Dimorphandra mollis*
 FAVELA — *Dimorphandra mollis*
 FOLHA-DE-BOLO — *Platygyamus regnelii*
 FRUTA-DE-CONDE — *Talauma ovata*
 FRUTA-DE-EMA — *Parinari obtusifolia*
 FRUTA-DE-MORCEGO — { *Euplassa inae-*
qualis
Roupala montana

G

GABIROBA — *Campomanesia corymbosa*
 GAMELEIRA — *Ficus sp.*
 GAMELEIRINHA — *Ficus sp.*

GARAPA — *Apuleia* sp.
 GOIABEIRA-DO-CAMPO — *Myrciatomentosa*
 GOIABINHA — *Myrcia tomentosa*
 GOMEIRA — *Vochysia pyramidalis*
 GOMEIRA-DE-MACACO — *Vochysia pyramidalis*
 GRÃO-DE-GALO — *Pouteria ramifolia*
 GUACO — *Mikania cordifolia*
 GUAPEVA — *Carapa* sp.
 GUARIROBA — *Syagrus comosa*
 GUASSATONGA — *Casearia grandiflora*
 GUATAMBU — *Aspidosperma* sp.

I

IBIRAÚNA — *Melanoxylum brauna*
 IMBAÚBA — *Cecropia* sp.
 INDAIÁ — *Attalea exigua*
 INGÁ — { *Inga alba*
 Inga marginata
 INGÁ-BRANCO — *Inga cylindrocarpa*
 INHARÉ — *Sorocea* sp.
 INHAREZINHO — *Brosimum gaudichaudii*
 IPÊ — *Tabebuia chrysotricha*
 IPÊ-AMARELO — *Tabebuia* sp.

J

JACA-BRAVA — *Richeria obovata*
 JACARANDÁ — { *Dalbergia foliosa*
 Dalbergia violacea
 JACARANDÁ-DO-CERRADO — *Dalbergia violacea*
 JACARANDÁ-MUXIBA — { *Machaerium angustifolium*
 Machaerium opacum
 JACARANDÁ-PRETO — *Dalbergia violacea*
 JACARÉ — { *Piptadenia communis*
 Qualea dichotoma
 JACARÉ-DE-FOLHA-GRANDE — *Callisthene fasciculata*
 JACARÉ-DO-CAMPO — *Machaerium opacum*
 JATOBÁ — *Hymenaea stignocarpa*
 JENIPAPO-BRAVO — *Tocoyena formosa*
 JEQUITIBÁ — { *Cariniana brasiliense*
 Cariniana estrelense
 JUÁ-MOLE — *Neea theifera*

L

LANDIM — *Callophyllum brasiliense*
 LARANJEIRA-DO-CERRADO — *Styrax ferrugineus*

LARGA-GALHO — *Pseudomedia laevigata*
 LEITEIRA — *Sapium obovatum*
 LICURI — *Allagoptera leucocalix*
 LIXEIRA — *Curatella americana*
 LIXEIRINHA — *Davilla elliptica*
 LOBEIRA — *Solanum lycopersicum*

M

MACAMBIRA — *Bromelia villosa*
 MACAÚBA — *Acrocomia sclerocarpa*
 MACIEIRA — *Hyptis cana*
 MAMA-CADELA — *Brosimum gaudichaudii*
 MAMINHA-DE-PORCA — *Fagaria rhoifolia*
 MAMORANA — *Pseudobombax longiflorum*
 MANDIOCÃO — *Didymopanax* sp.
 MANDIOCÃO-DO-CERRADO — *Didymopanax macrocarpum*
 MANGABA — *Hancornia speciosa*
 MANGABA-BRAVA — *Lafoensia pacari*
 MARFIM — *Agomandra brasiliensis*
 MARIA-MOLE — { *Pisonia noxia*
 Pisonia olfersiana
 MARIANA — *Ormosia* sp.
 MARIA-PRETA — *Melanoxylon* sp.
 MARINHEIRO — *Guarea tuberculata*
 MARMELADA — *Desmodium* sp.
 MARMELADA-BRAVA — *Amaioua guianensis*
 MARMELADA-DO-CERRADO — *Alibertia edulis*
 MARMELO — *Austroplenckia populnea*
 MATA-BARATA — *Andira humilis*
 MATA-BARATA-DA-MATA — *Andira* sp.
 MATA-CACHORRO — *Simaruba amara*
 MATA-GADO — *Palicourea marcgravii*
 MATA-VAQUEIRO — *Simaruba versicolor*
 MONJOLEIRO — { *Acacia paniculata*
 Acacia polyphylla
 MOROTÓ — *Didymopanax* sp.
 MUXIBA-COMPRIDA — *Erythroylum tortuosum*
 MURICI — { *Byrsonima crassa*
 Byrsonima verbascifolia
 Tocoyena formosa

MURICI-BRANCO — *Byrsonima umbellata*
 MURICI-VERMELHO — *Byrsonima coccolobifolia*

N

NEGRAMINA — { *Siparuna cuiaba*
 Siparuna guianensis

O

- OLHO-DE-BOI — *Dispyros hispida*
 OLHO-DE-COTIA — { *Cupania vernalis*
 Matayba guianensis
 OLHO-DE-POMBA — { *Casearia grandiflora*
 Casearia sylvestris
 OURICURI — *Allagoptera leucocalyx*

P

- PAINEIRA — { *Bombax campestre*
 Chorisia speciosa
 PAU-D'ARCO — *Tabebuia* sp.
 PAU-DE-GOMA — *Vochysia thyrsoidea*
 PAU-DE-LEITE — *Himatanthus obovata*
 PAU-DE-PAPAGAIO — *Vochysia thyrsoidea*
 PAU-DE-TUCANO — { *Vochysia rufa*
 Vochysia tucanorum
 PAU-DOCE — *Vochysia elliptica*
 PAU-D'ÓLEO — *Copaifera langsdorfii*
 PAU-FORMIGA — *Callisthene major*
 PAU-MARFIM — *Agonandra brasiliensis*
 PAU-PEREIRA — *Platycyamus regnelli*
 PAU-POMBINHO — *Vochysia* sp.
 PAU-POMBO — *Tapirira guianensis*
 PAU-SANTO — { *Kielmeyera coriacea*
 Kielmeyera speciosa
 PAU-TERRA-DE-FOLHA-GRANDE — *Qualea grandiflora*
 PAU-TERRA-DE-FOLHA-LARGA — *Qualea grandiflora*
 PAU-TERRA-DE-FOLHA-MIÚDA — *Qualea parviflora*
 PAU-TERRA-DE-FOLHA-PEQUENA — *Qualea parviflora*
 PAU-TERRA-LISO — *Qualea multiflora*
 PAU-TERRA-ROXO — *Qualea parviflora*
 PEQUI — *Caryocar brasiliensis*
 PEREIRO — *Aspidosperma* sp.
 PEROBA — *Aspidosperma* sp.
 PIMENTA-DE-MACACO — { *Piper* sp.
 Xylopia aromatica
 PINDAÍBA — *Xylopia aromatica*
 PINDAÍBA-DE-FOLHA-MIÚDA — *Xylopia* sp.
 PINDAÍBA-DO-BREJO — *Xylopia emarginata*
 PIQUI — *Caryocar brasiliensis*
 PIQUIRANA — *Belangera tomentosa*
 PIRIRIMA — *Syagrus flexuosa*
 PIRIRIMA-VASSOURA — *Butia leiostpatha*
 PIÚNA — *Ludwigia* cf. *tomentosa*
 POMBEIRO — *Tapirira guianensis*

Q

- QUARESMA — *Tibouchina candolleana*
 QUARESMEIRA — *Tibouchina candolleana*
 QUINA — *Strychnos pseudoquina*
 QUINA-DA-MATA — *Aspidosperma* sp.
 QUINA-DO-CERRADO — *Strychnos pseudoquina*

S

- SABIAZEIRA — *Miconia Chammissois*
 SÁLVIA — *Salvia scabrida*
 SAMBAIBINHA — *Davilla elliptica*
 SANGA-D'ÁGUA — *Croton* cf. *sanguinalis*
 SANGUE-DE-CRISTO — *Sabicea brasiliensis*
 SOBREIRO — *Emmotium nitens*
 SUCUPIRA — { *Pterodon polygalaeiflorus*
 Pterodon pubescens
 SUCUPIRA-AMARELA — *Ferreira spectabilis*
 SUCUPIRA-BRANCA — *Pterodon pubescens*
 SUCUPIRA-PRETA — *Bowdichia virgilioides*
 SUCUUBINHA — *Himatanthus obovata*

T

- TABOCA-DE-FOGO — *Ichnanthus bambusiflorus*
 TAMBORIL — { *Enterolobium contortisiliquum*
 Enterolobium gummiferum
 TAPICURU — *Callisthene major*
 TAXIBRANCO — *Sclerolobium paniculatum*
 TENTO — *Ormosia arborea*
 TIMBÓ — { *Magonia pubescens*
 Serjania sp.
 TINGUI-BOSTA — *Sclerolobium aurum*
 TIRIRICA-DO-BREJO — *Scleria arundinacea*

U

- UCUUBA — { *Virola sebifera*
 Virola urbaniana
 UNHA-DE-VACA — *Bauhinia bongardi*
 URUCURANA — *Alchornea iricurana*
 UVINHA — *Sideroxylon venulosum*

V

- VINHÁTICO — *Plathymenia reticulata*
 VINHÁTICO-CASCUDO — *Enterolobium ellipticum*

BIBLIOGRAFIA

- HERINGER, E. P. et alii — *A Flora do Cerrado* — In: SIMPÓSIO sobre o Cerrado IV — São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1977 — p. 211-32.
- PÉLLICO NETTO S. et alii — *Inventário Florestal do Distrito Federal* — Governo do Distrito Federal/Secretaria de Agricultura e Produção, Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 1972. 205 p.
- PEREIRA, B. A. S. — *Flora Agrícola do Distrito Federal, Brasil* — Superintendência de Estudos de Geografia, Ecologia, Recursos Naturais e Meio Ambiente, Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas/Reserva Ecológica do Roncador, IBGE, Brasília, DF, (levantamento preliminar, datilografada), 1985. 19 p.
- RATTER, J. A. — *Notas Sobre a Vegetação da Fazenda Água Limpa, DF* — Royal Botanic Garden, Edinburgh, Reino Unido, 1982. 124 p. (datilografada).
- RECONHECIMENTO dos Solos do Distrito Federal — Serviço Nacional de Levantamento e Conservação dos Solos — EMBRAPA — Rio de Janeiro, 1978. 455 p.
- RIBEIRO, J. F. et alii — *Os Principais Tipos Fitofisionômicos da Região dos Cerrados* — Boletim de Pesquisa 21, Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA), Planaltina, DF. jul./1983. 29 p.
- RIZZINI, C. T. — *A Flora do Cerrado* — Análise Florística das Savanas Centrais, In: SIMPÓSIO sobre o Cerrado I, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1963. p. 123-77.

RESUMO

Não são muitos os trabalhos de tipologia vegetal em escalas grandes, daí a idéia de se elaborar uma classificação para estas escalas, em uma área que, por motivos óbvios, vem sofrendo grandes transformações em seu ambiente natural desde meados da década de 50.

Optou-se por separar as áreas, em uso agrícola, daquelas que vêm sofrendo intervenções por diversos outros motivos, em dois tipos fundamentais de coberturas — "coberturas agrícolas" e "coberturas alteradas não agrícolas" —, além das tradicionais "coberturas florestais" e "coberturas de cerrado".

Longe de se querer esgotar o assunto, na verdade procura-se abrir espaço para novas investigações, novos desdobramentos das legendas, se possível em escalas ainda maiores.

A lista de espécies no final do trabalho, apresentada como apêndice, torna-se quase tradicional em trabalhos deste tipo, daí a sua elaboração.

ABSTRACT

This paper intends to produce a key to identify and understand the Distrito Federal's vegetation, including many particularities and aspects of environmental changes.

The second objective of this work is to produce a vegetal classification for large scales (from 1:40.000 until 1:100.000), because exist only a few papers about that subject.

The specie catalogue appendage helps to know better each vegetation arrangement and their local and common designations.